

DF - Invasão

ÁREAS PÚBLICAS

Operação do GDF remove barracos de madeirite e cercas de arames em 60 vielas de Ceilândia. Moradores criticam programa habitacional do governo

Becos da discórdia

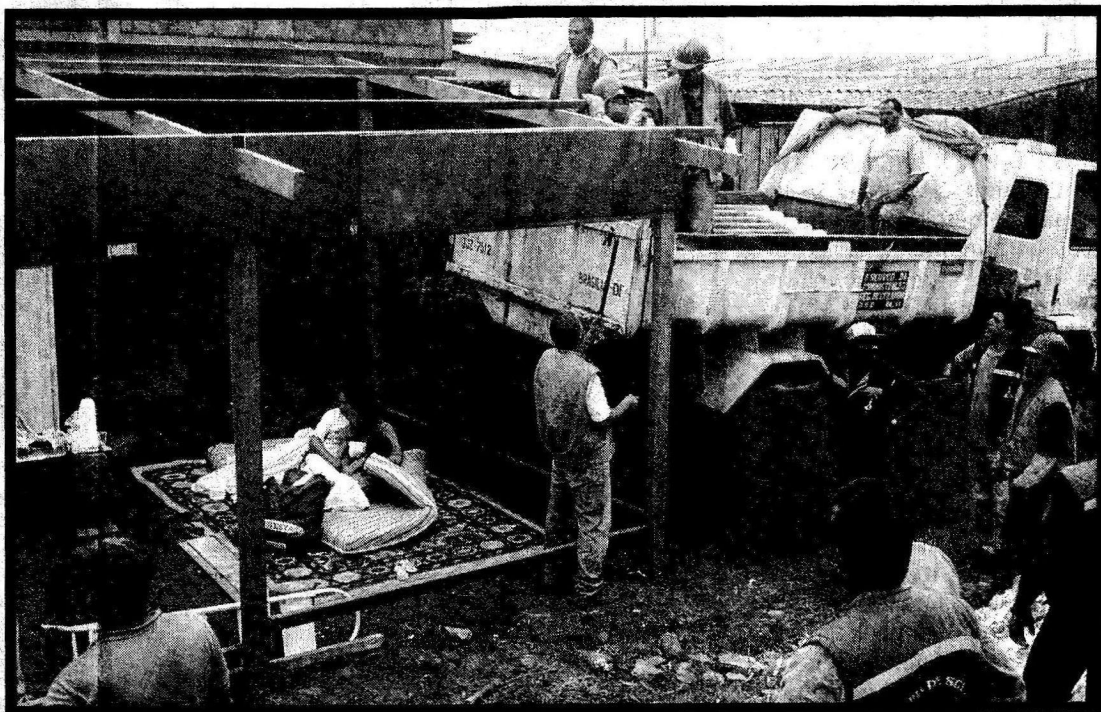
Marcelo Rocha

Da equipe do Correio

Mais de cem moradores da QNN 21, em Ceilândia, revoltaram-se ontem à tarde contra a ação do Governo do Distrito Federal de remover ocupações irregulares nos becos da cidade. Eles criticaram o Servir, programa de habitação criado no primeiro semestre, voltado para os servidores militares, que inclui essas vielas da cidade no pacote de distribuição. Em maio, o GDF já havia entregue 58 lotes. Uma nova lista, com 238 militares contemplados, causou insatisfação geral, servindo como estopim de uma série de invasões nos últimos dias.

A operação começou por volta das 10h da manhã e só terminou no final da tarde, envolvendo mais de 50 pessoas, entre funcionários do Sistema Integrado de Vigilância do Solo (SivSolo), Administração Regional de Ceilândia, Companhia Imobiliária de Brasília (Terracap), Corpo de Bombeiros e Polícia Militar. Ao final, 30 becos (ou 60 lotes) foram visitados. Em apenas um deles, no conjunto G da QNN 19, foi apresentado o Termo de Permissão de Uso (TPU), que concede à pessoa o direito de usufruir do terreno.

O momento mais tenso do dia aconteceu por volta das 15h, quando os fiscais passaram pelo conjunto J, da QNN 21. Os moradores protestaram contra a remoção de uma família, única ocupante encontrada ontem à tarde. "Não concordo com os critérios utilizados pelo governo. Como é que pode uma medida



NO CONJUNTO J DA QNN 21, EM CEILÂNDIA, AGENTES RETIRAM BARRACO DE UM DOS 30 BECOS VISITADOS PELO SIVSOLO

beneficiar gente de outras cidades (Sobradinho, Planaltina e Brazlândia) com tanta gente aqui precisando", reclama Jeci Ramos de Moraes, 60 anos. O Servir pode beneficiar em Ceilândia policiais militares e bombeiros de outras localidades.

Jeci é proprietária de uma casa de esquina no conjunto J e mãe do bombeiro Hideraldo Luiz de Moraes, 32 anos, invasor do beco ao lado. Hideraldo ainda não foi beneficiado pelo Servir e resolveu "garantir" a área há dois dias. Construiu um barraco, colocou um fogão e colchões e vinha ocupando o beco há dois dias com a família — a mulher, Eliete Ferreira de

Moraes, 31 anos, e os dos filhos, Tayanne e Thalisson, 10 e 3 anos.

Eliete recusou-se a abandonar o local. Sentada sobre um dos colchões com as crianças no colo, acompanhou o trabalho dos funcionários da administração e do SivSolo. "Meu marido tem 13 anos de corporação, nasceu nessa cidade e mora aqui desde então. É inadmissível pessoas de outras cidades virem ocupar terreno aqui em Ceilândia", opina. Segundo ela, o casal gastou quase R\$ 1 mil com a compra de madeirites, areia e brita para a construção do barraco.

Mais de cem pessoas, entre parentes e vizinhos, prestaram solidariedade à causa da família

Moraes. "Moro de aluguel em Ceilândia há dez anos, também sou servidor público e não concordo com essa política do GDF", queixou-se um funcionário da Fundação Hospital do DF (FHDF).

O diretor do SivSolo, coronel Benjamin Ferreira Bispo, esteve no local e afirmou que as invasões dos becos aconteceu rapidamente, "de uma semana para cá". Responsável pela erradicação das invasões, caso assim autorizadas pela Terracap, administrações regionais ou mesmo por denúncia, o SivSolo vai manter uma equipe de plantão durante o fim de semana para garantir que os invasores não retornem aos becos.